

DA ARTE E SUA UTILIDADE

Rilce Maria Rocha Aguiar Ferreira*

Resumo: A arte sempre teve sua utilidade questionada. Na sociedade antiga, a arte já era classificada em artes servis (praticadas pelo trabalhador manual) e artes mecânicas (exercidas por homens livres). Essa classificação começa a mudar a partir do Renascimento, em que a arte passa por uma valorização, sendo as artes mecânicas consideradas como um saber, um conhecimento, como as artes liberais. Posteriormente, essa classificação passa a ser em artes que tem utilidade prática para o homem e em artes que produz beleza. No mundo contemporâneo, a arte e a técnica se comunicam e surgem os objetos que aliam o útil e o belo. A arte passa a ser compreendida como um saber que alia conhecimento prático e teórico.

Palavras-chave: Arte. Utilidade. Técnica.

Introdução

Na sociedade capitalista em que vivemos, voltada para a valorização do ter, onde tudo e todos podem ter seus valores medidos pelo poder de compra, a arte sempre foi marginalizada, sendo questionado seu saber e sua utilidade. O que é arte? Existe utilidade na arte? A arte é para servir para atividades práticas ou é para a contemplação, para o belo?

Questões como essas constituem objeto de pesquisa para muitos estudiosos na atualidade, seja no meio acadêmico, seja no meio industrial e cultural. O objetivo deste trabalho é procurar compreender o processo de evolução da arte, entrelaçando aspectos entre a arte e a técnica e como elas se comunicam no mundo contemporâneo, buscando contribuir para a compreensão do significado da arte e sua finalidade.

Para tanto, a abordagem partirá de questionamentos a respeito do conceito de arte, das considerações sobre a arte e sua utilidade na visão de Platão e Aristóteles,

* Discente do Programa Especial de Formação de Professores, curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Email: rilcemaria@yahoo.com.

da evolução da ideia de arte, tendo como pressupostos teóricos os trabalhos de estudiosos da área.

Da arte

A palavra arte, no sentido como conhecemos hoje, não existia na Idade Antiga e Medieval. O que existia eram reflexões a respeito da imitação, da tragédia, dos efeitos da música e da poesia (Cf. HUGON-TALON, 2009). Do latim *ars*, a palavra arte corresponde ao termo grego *tékhnē*, “técnica”, que significa “toda atividade humana submetida a regras em vista da fabricação de alguma coisa” (CHAUÍ, 2003, p. 275). A arte, então, seria um meio de fazer, de produzir.

Para Benedito Nunes, a “Arte é a própria disposição prévia que habilita o sujeito a agir de maneira pertinente, orientado pelo conhecimento antecipado daquilo que quer fazer ou produzir” (NUNES, 2008, p. 20). Nesse sentido, a arte pressupõe um conhecimento prévio inerente ao ser humano para produzir ou fabricar alguma obra de arte.

A arte é muitas coisas. Uma das coisas que a arte é, parece, é uma transformação simbólica do mundo. Quer dizer: o artista cria um mundo outro – mais bonito ou mais intenso ou mais significativo, ou mais ordenado – por cima da realidade imediata [...]. Naturalmente, esse mundo do outro que o artista cria ou inventa nasce de sua cultura, de sua experiência de vida, das idéias que ele tem na cabeça, enfim, de sua visão de mundo [...] (GULLAR, *apud* CHAUÍ, 2003, p. 271).

Conceituar arte é muito difícil, pois é subjetivo e varia conforme o tempo, espaço e a experiência do ser humano, haja vista a variedade de conceitos propostos por diversos autores consagrados. Há, inclusive, trabalhos em torno dessa questão. Segundo Hugon (2008, p. 86) “[...] É preciso substituir a pergunta “O que é arte?” por esta “Que usos fazemos da palavra “arte”? a arte aparece como um conceito aberto, [...]”. Será abordado mais aqui a questão da utilidade da arte.

Nas obras de Platão e Aristóteles, encontramos numerosas reflexões a respeito da pintura, da música, da arquitetura, poesia e teatro.

A arte em Platão e Aristóteles

Platão, *n'A república*, considera a cidade ideal uma organização onde existem trocas e necessidades. A comida, a roupa, a habitação e outras necessidades, fazem com que as profissões de agricultor, pedreiro, sapateiro, alfaiate, dentre outras, passem a ser consideradas úteis. Cada um tem um trabalho a cumprir e passam a contar com o trabalho dos outros. A cidade fica ameaçada quando surgem os desejos desnecessários, luxuosos, promovidos pelos artistas, como os poetas, dançarinos, músicos, que não desempenham nenhuma função útil. O artista é, para Platão, “[...] um fabricante de imagens fantasmas que desviam os olhos do cidadão das verdadeiras ideias, que só podem ser apreensíveis pelo pensamento” (PLATÃO, *apud* FEITOSA, 2004, p. 116).

Para Platão, a arte desperta as emoções, as paixões, a alegria, a raiva, que sem controle pode conduzir à guerra. A arte deveria ser praticada apenas por quem não teria nada a perder, como as mulheres, os loucos, as crianças. Essa condenação platônica da arte está relacionada à crença “[...] de que arte é sempre imitação” [em grego: mimesis] (FEITOSA, 2004, p. 116). As obras imitativas levam a destruição da inteligência, pois provocam o engano e a ilusão, desviando a atenção dos conhecimentos verdadeiros.

Com esse pensamento, Platão chega a pedir a expulsão dos artistas da cidade, dos praticantes das artes imitativas, como os poetas, pintores e escultores, pois eles não seriam apenas luxo, mas sim, um lixo. Não é apenas reprodução a obra do artista, é além disso: é algo inferior em relação às ideias ou aos objetos que provém das ideias. A reprodução do objeto através da pintura não tem utilidade. A pintura de uma mesa será sempre inferior à mesa produzida pelo marceneiro, que serve para diversas utilidades reais (Cf. FEITOSA, 2004).

Já em relação à dança, música, estratégia, dialética, matemática e gramática, Platão é favorável, por considerar fundamental na formação do caráter de adolescentes e jovens. A arte aqui adquire uma função de conhecimento, pedagógica.

Diferentemente de Platão, Aristóteles, na sua obra *Poética*, apresenta a arte tanto do ponto de vista moral quanto epistemológico, procurando mostrar que a arte é verdadeira, natural e contribui para a aprendizagem. Segundo Aristóteles, a mimesis pode vir a se tornar realidade, que ela não é apenas imitação das coisas existentes. A arte é um ato da inteligência humana, produzindo um novo ser, uma nova obra. A pintura e a dança, assim como a música e a poesia, têm sua importância e utilidade na sociedade, ao provocar um efeito benéfico “catarse”, que contribui para “o processo de purgação dos elementos perniciosos presentes no corpo”. Assim, a arte, além do “saber, ela tem também uma função edificante e pedagógica” (FEITOSA, 2004, p. 123).

Em relação à poesia e à música, esses filósofos tinham em comum a ideia de que eles influenciavam os nossos estados de ânimo, afetando positiva ou negativamente, o comportamento moral dos homens.

Dando especial atenção à comédia, à tragédia e à epopéia, Aristóteles, na sua *Poética*, diz que a poesia, através da palavra, representa imitação e retrata os homens em ação. A música, o canto (assim como a dança e a pintura) tem por essência imitar a realidade humana e natural, com os ritmos e harmonias influenciando as emoções e o comportamento humano. Também Platão, na *República*, relaciona a música com sentimentos e atitudes morais, simbolizado pelo ritmo (haveria ritmos que imitavam a baixeza, assim como harmonias que imitariam melancolias, entusiasmos e outros sentimentos humanos).

A ideia de arte e sua utilidade

Na Antiguidade e Idade média, a ideia de arte está relacionada ao talento do saber-fazer. Nesta, as artes são divididas em artes liberais (dignas do homem livre) e artes servis ou mecânicas (próprias do trabalhador manual) (Cf. CHAUI, 2003). Segundo essa autora, as artes liberais como a gramática, retórica, geometria, a música –

pertenciam aos homens livres. Enquanto que as artes mecânicas, como a agricultura, a caça, a pesca, a medicina, engenharia, arquitetura, pintura, escultura, eram próprias do trabalhador manual. São Tomás de Aquino justifica essa classificação na Idade Média “[...] como diferença entre as artes que dirigem o trabalho da razão (ou as artes liberais) e as que dirigem o trabalho das mãos (ou as artes mecânicas)” (CHAUÍ, 2003, p. 275). As artes liberais são, portanto, consideradas superiores às mecânicas, já que para o cristianismo a alma é livre e o corpo uma prisão. A ideia moderna de arte começa a aparecer no Renascimento, quando as artes mecânicas ganham valorização. Segundo Chauí,

[...] por duas razões principais: em primeiro lugar, porque começa a surgir o ideal de vida ativa, que valoriza a aplicação prática ou técnica dos conhecimentos teóricos (como se vê em Leonardo da Vinci com suas invenções em máquinas de todo tipo [...]); em segundo, porque o Humanismo renascentista dignifica o corpo humano e essa dignidade se traduz na chamada “batalha pela dignidade das artes mecânicas” para lhes dar a mesma condição das artes liberais [...] (CHAUÍ, 2003, p. 276).

Ainda segundo Chauí,

A primeira dignidade obtida pelas artes mecânicas foi sua elevação à condição de conhecimento, como as artes liberais [...]. A segunda dignidade foi alcançada no final do século XVII e a partir do século XVIII, quando se distinguiram as finalidades das várias artes mecânicas, isto é, as que têm como fim o que é **útil** aos homens – a medicina, agricultura, engenharia, a olaria, marcenaria, fiação, tecelagem, tapeçaria, joalheria, vidraria, jardinagem, etc. – e aquelas cujo fim é produzir o **belo** e provocar o sentimento da beleza – a pintura, escultura, poesia (ou literatura), a música, o teatro e a dança (CHAUÍ, 2003, p. 276).

Com essa separação surgida pela ideia de utilidade, parte das artes mecânicas deu origem às profissões liberais como as conhecemos hoje, como o professor, o engenheiro, o médico, o advogado, etc.. E “com a ideia de beleza, uma parte das artes mecânicas transformou-se nas chamadas belas-artes [...]” (CHAUÍ, 2003, p. 276).

Essa distinção das artes (artes da utilidade e artes da beleza) fez com que surgisse a figura “do artista como gênio criador” (CHAUÍ, 2003, p. 276); ao que Kant denominou no § 46 da *Crítica da faculdade do juízo*: “As belas – artes são as artes do gênio” (Cf. HUGON, 2009, p. 34). Du Bos, citado por Marc Jimenez, diz que “[...] o gênio é este fogo que eleva os pintores acima deles mesmos, que lhes faz pôr alma em suas figuras e movimento em suas composições. É o entusiasmo que domina os poetas, quando vêem as Garças dançarem num prado, onde os homens comuns percebem apenas rebanho” (JIMENEZ, 1999, p. 92). As obras de arte, portanto, seria fruto de inspiração misteriosa que leva o artista a criar, diferenciando-o do artesanato (simples saber fazer) e da ciência (em que o técnico é dotado de regras e procedimentos para o saber fazer).

Desse modo, as artes mecânicas teriam a finalidade de ser útil, enquanto as belas-artes, o prazer. Essa ideia vai progredindo “[...] nos escritos de artistas (Poussin, Corneille, Racine), depois entre os teóricos das práticas artísticas como Du Bos [...] e, depois, os dos filósofos” (HUGON, 2009, p. 34).

A obra de arte, assumida a partir da finalidade de criar o belo, fez com que surgisse a figura do público, do crítico que avalia a obra de arte e do conceito de “juízo do gosto”. Nesse contexto de aliança entre o belo, a obra de arte, o público e o juízo do gosto possibilitou o nascimento da “Estética”, uma disciplina filosófica cujo termo aparece pela primeira vez na obra do filósofo alemão Baumgarten, e “remete à expressão grega *aisthesis*, que quer dizer “percepção através dos sentidos / e ou dos sentimentos” (FEITOSA, 2004. p. 110). Enquanto ciência, a Estética passa por um longo processo de emancipação tendo sua frase moderna inaugurada a partir de 1750.

A separação entre o belo e o útil, a arte e a técnica, modificaram-se desde o final do século XIX e durante o século XX. A concepção de arte deixou de ser vista meramente como criação genial e passou a ser concebida como “expressão criadora” e como “trabalho da expressão”, as artes são inseparáveis da técnica e da ciência. “A obra de arte busca caminhos de acesso ao real e de expressão da verdade. Em outras palavras, as artes pretendem exprimir por meios artísticos a própria realidade” (CHAUÍ,

2003, p. 277). Os artistas desejam interpretar e revelar a própria realidade utilizando instrumentos artísticos.

Segundo Marilena Chauí, o design, o cinema e a fotografia demonstram como a arte e a técnica se comunica na contemporaneidade

Fotografia e cinema surgem, inicialmente, como técnicas de reprodução da realidade. Pouco a pouco, porém, tornam-se interpretações da realidade e com isso surgem como artes da expressão. O design, por sua vez, introduz as artes plásticas (pintura, escultura, arquitetura) no desenho e na produção de instrumentos técnicos (usados na indústria, nos laboratórios científicos, nos hospitais, em consultórios médicos e dentários, etc.) e de utensílios cotidianos (indo desde automóveis e aviões até máquinas domésticas ou eletrodomésticos, mobiliário, luminárias, talheres, copos, pratos, xícaras, lápis, canetas, tecidos para móveis e cortinas, jóias e bijuterias, calçados, etc.) (CHAUÍ, 2003, p. 277).

Assim, muitos produtos são fabricados com a finalidade não só de ser útil, mas também de ser belo. Da obra de arte, no entanto, não se espera que ela tenha funcionalidade, já que ela possui liberdade na utilização de objetos e materiais, tendo seu significado ou verdade, expresso na subjetividade de quem vê, ouve ou sente.

Com o avanço da técnica, as obras de arte perderam a unicidade, a autenticidade e passaram a ser produto das massas. O cinema e a fotografia, por exemplo, passam pelo processo da reprodução técnica em série, em que é impossível distinguir o original da cópia. O valor da obra de arte passa de “valor cultural” para “valor de exposição”. Segundo Hugon, “Está em jogo uma modificação da sensibilidade humana global” e cita o trabalho de Walter Benjamin: “Ao longo dos grandes períodos históricos, assiste-se à transformação não só de todo o modo de existência das comunidades humanas, mas igualmente da sua maneira de sentir e de perceber” (HUGON-TALON, 2009, p. 77).

Fazendo uma análise da obra de Adorno, para Hugon “A obra verdadeira, que não saiu da indústria da cultura, é um protesto contra um real em que o domínio se afirma e é capaz de transformar a submissão em transgressão” [...] e ainda, “Ele espera que esta arte proporcione ao proletariado nobres lazes e também participe activamente na regeneração da sociedade” (HUGON-TALON, 2009, p. 78 e 79).

Conclusão

O conceito de arte é muito subjetivo e depende de aspectos históricos, culturais e sociais. No entanto, a arte pode se compreendida como um saber, que alia conhecimentos teóricos e práticos.

Marginalizada na sociedade capitalista, a arte sempre passou por questionamentos quanto a seu valor e utilidade, desde a antiguidade. A ideia de arte passa por um processo evolutivo, iniciando com a compreensão da arte envolvendo a classificação social, a arte própria para os homens livres e a arte para os servís, trabalhadores manuais, até chegar à ideia moderna de arte, a arte considerada como um saber, ato de criação e de humanização, possuindo a finalidade de ser útil e de produzir o belo.

A finalidade da arte não se restringe a produzir o útil ou o belo, o prazer. É mais que isso. A arte pode contribuir para a compreensão do mundo real e expressão da verdade. O artista, através de sua obra de arte autêntica, pode protestar contra as barbáries do mundo, transformando a submissão em ato de luta, buscando resgatar a dignidade humana, o ser humano pleno, rumo a uma sociedade melhor, mais justa e mais democrática, onde todos possam ter acesso aos bens culturais de consumo e ao lazer.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

FEITOSA, Chales. **Explicando filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HUGON-TALON, Carole. **A estética**. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 2008.